

DESEJO DE CONTINUAR A SER VIVO
DESIRE TO REMAIN ALIVE

Marcelo João Soares de Oliveira
Doutorando em Ciências da Religião – PUC-SP
marcelojsoliveira@hotmail.com

Resumo

Através das crenças, o devoto tenta superar o medo da morte, responder ao *quem sou eu* neste novo mundo distante do seu. Ele parece perder a noção de tempo e espaço, de identidade e sentido, num lugar que não lhe cabe. Destarte, através dos experimentos religiosos, busca um olhar que o note e uma voz que diga quem ele é neste *mundo real*, para isso, invoca os seres celestiais, sua busca primeira, a última saída. O mundo real é um sofrimento, onde se promove perdas e vazios, dispersões e confrontos, uma ameaça ao desejo de continuar vivo. Insurge então uma inversão para não morrer: sair deste mundo real e entrar no imaginário.

Palavras-chave: santo, morte, imaginário

Abstract

Through beliefs the devotee attempts to overcome the fear of death, who am I to respond to this new world away from her. It appears to lose the concept of time and space, identity and sense, a place that is not. Since then, through religious experiments, look at that note and a voice that says who it is in the real world, for this, invokes heavenly beings, your search first, last exit. The real world is a suffering, which promotes losses and voids, dispersions and confrontations, a threat to desire to continue living. Then a reversal to revolt not dying: exit this real world imaginary and sign in.

Keywords: Santo, death, imaginary

A partir da experiência religiosa do devoto se vislumbra sua praxe cotidiana, seu comportamento, seus costumes e estratégias. Realizar uma análise profunda de seu desempenho nos fará refletir o aspecto social de suas fragilidades e também qualidades. É preciso ter cuidado de enumerar as carências e apontar recursos para tentar compreender ao “quem sou eu”.

Assim, procurando descobrir a si mesmo, distante do seu chão, num mundo hostil diante de seus olhos, o devoto parece perder a noção de tempo e espaço, de identidade e sentido num lugar que não lhe cabe. Por isso, através das crenças, dos experimentos religiosos busca um olhar que o observe e uma voz que lhe diga quem ele é neste mundo novo por meio dos seres celestiais, sua busca primeira, a última saída. O mundo desperto, o real, é um sofrimento, onde se celebra perdas e vazios, dispersão e confrontos, uma ameaça ao desejo de continuar vivo.

Para não morrer é necessário sair deste mundo real e entrar no imaginário, numa intimidade com os santos, espíritos, entes celestiais. Por isso, apertam os laços com entidades do além, invocam as forças sobrenaturais, buscam a meditação, o transe. Penetram no espaço e tempo sagrados, onde não há falta, carência, medo, morte. Todas essas realidades ficaram no mundo físico, no mundo real.

Existem situações no mundo real, em que a realidade é difícil demais para enfrentá-la sozinho, nota-se algo de estranho no ar, ao redor, sem identificá-lo. Sensações de ter cometido erros, perseguições, desespero, ter visto vultos e ouvir vozes estando sozinho no quarto. Encarar de frente este mundo real, não é fácil, por isso, o devoto prefere olhar para o alto, para dentro do seu mundo imaginário, recorre ao sagrado. Assim, utiliza diversas técnicas e instrumentos de comunicação com seres espirituais, tais como, amuleto, plantas, oração, santo ou orixá, protetor, imuniza-se contra os males, sensações estranhas, “fecha seu corpo”, transformando-o em armadura, protegido de faca (más línguas, língua afiada), veneno de cobra (inveja, mal olhado), sortilégios feitiço, encosto, arma de fogo. Nos rituais para fechar o corpo, nos passes e orações, se vislumbra, o sofrimento, o abandono, o descaso, a insegurança, a fragilidade e a solidão do devoto.

O devoto com fidelidade guarda consigo os sonhos, visões, trabalhos espirituais e orações, nada diz a outrem, para garantir o corpo fechado. Ao revelar se perde a força, magia ou proteção. Alguns cuidados para conservar o corpo fechado são necessários: não alimentar-se de tapioca, apoiar-se ou sentar em pedra de amolar ou no pilão, atravessar riacho, passar por baixo de uma cerca sem tirar o chapéu, tomar água de bruços ou cruzar uma encruzilhada. Há casos em que o devoto coloca ou “enterra” um pequenino Santo Antonio de metal dentro de seu braço ou nas costas, depois costura para sentir-se protegido.

Contudo, não pode fechar o corpo constantemente, enterrar-se no mundo imaginário, é necessário abrir-se ao real, relacionar-se. Mas, é preciso ter cuidado para manter o equilíbrio e não perder a própria identidade, o sentido da vida. Este equilíbrio de abrir e fechar o corpo se consegue com a chave protetora que são os seres espirituais cultuados.

Em Canindé, os devotos comunicam esta realidade da *chave protetora* de modo singular, buscam o santo vivo, escondido, olhando pelo buraco da fechadura do convento dos frades:

O sol já se ocultara por detrás da Basílica e as estrelas do agreste cearense pareciam iluminar com todo o seu esplendor o olhar sereno dos romeiros. Eles se juntavam em frente à entrada principal do convento dos frades franciscanos. Contudo, não estavam lá para reclinar a cabeça. Talvez quisessem repousar o coração inquieto, quando disputavam fitar, nem que fosse por um instante, algo grandioso através do orifício de uma fechadura. (...). Todos, ali, parecia descobrir o grande sentido da sua jornada beatífica, tamanha a alegria e copiosas as lágrimas dos que conseguiam atingir o objetivo sublimado. (...). Mas, - dentro, ali, daquele lugar religioso -, o que haveria de tão importante, de especial, de fascinante, de extraordinário, de humano ou divino, para reunir tantos devotos em face de uma porta?(...) Conquistando a simpatia e a confiança dos romeiros, conseguimos descobrir a razão desse aglomerado na porta do convento. O motivo é que, através de uma fechadura, os romeiros afirmam ver São Francisco, vivo.¹

Por causa da agitação e insegurança os frades literalmente fecharam o pequeno espaço que os devotos encontraram para observar o Santo vivo, trocando recentemente a fechadura da porta. A nova fechadura não permite a visão do convento. Foi um gesto que cortou o diálogo com os romeiros, pois não compreende a sua linguagem do Santo vivo dentro deles, que pulsa em seu ser, protege seu corpo, sua alma. Não entendem que buscam o sentido da vida, ou procuram um novo jeito de ser e de existir.² Mas a chave dos frades serve para trancar a porta do convento, enquanto que a do santo, para abrir e fechar o corpo do devoto, protegendo-o.

4 Destarte, o grande desafio para o devoto é conviver num mundo diversificado, portanto ameaçador, sem perder o sentido da vida. A saída concreta é a experiência religiosa, entrada para o imaginário, estratégia da cultura. E, assim, são ressignificados diversos valores e crenças promotores de segurança e identidade. O devoto acredita em muitos valores e expressões de fé que vão além da mera questão cultural.

Algumas expressões refletem seu comportamento: “salve meu padim”, “valha-me Deus”, “Deus me acuda”, “Deus te proteja”, “Deus é que sabe”, “se Deus quiser”, “vala-me minha Nossa Senhora”, “Ave-Maria”, “graças a Deus”, “vá pro inferno”, “onde Judas perdeu as botas”, “lavo minhas mãos”, “mudou da água para o vinho”, “vai com Deus”, “credo cruz”. Os gestos são também profundamente significativos: pendurar uma figa ou cruz na porta, acender incenso, benzer-se ante uma igreja ou cemitério, guardar um amuleto no bolso, ter um santo em casa, acender uma vela, benzer-se ao acordar, pisar primeiro com o pé direito, usar roupa branca no dia 13 de cada mês. Isso tudo pertence ao universo religioso que protege cada um daquilo que o ameaça. Estas expressões dão forma física a língua, elas estão carregadas de forte experiência religiosa e vida cotidiana, ao pronunciá-las, “se não fizerem nenhum bem, mal não faz”. Além de todos esses procedimentos que refletem os desafios de se continuar vivo neste mundo agressivo e ameaçador, ainda há outros que são praticados como meios de superação:

¹ OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. *Francisco o Santo vivo dos devotos*, p. 115-116.

² Idem. P. 119.

A superação por mim mesmo

É o primeiro deles, trata de um conflito interior entre duas identidades, uma delas tenta resgatar a cultura, os símbolos e a religiosidade do seu grupo e a outra, emerge da sociedade agressiva presente no mundo real.

Um conflito interior entre um “eu” fincado em raízes que sinalizam a minha personalidade e um outro eu fundamentado em valores marginais, sociais e econômicos, discriminatórios e excludentes de grupos externos que falam e julgam, criticam e condenam e destroem a identidade pessoal. Nesta situação conflitante, para resgatar a verdadeira identidade e cultura, para proteger-se, o devoto se organiza, congrega, procura recursos no mundo imaginário, nos rituais religiosos ou outros movimentos sociais, não se deixa morrer.

A superação pela culpabilidade

Trata-se de um modo de relacionar-se com seus próprios problemas e dificuldades, superá-los. A própria pessoa não se considera o verdadeiro culpado, atribui a outrem a culpa de seus males. O que antes era pessoal, isolado, agora assume proporções sociais, é o caso de problemas considerados espirituais como quebrantos, enguiços ou infestações. O quebranto é o mal que adormece e estanca uma pessoa, levando-a ao desânimo, a timidez, ao isolamento, a falta de coragem para lutar. O enguiço é quando a vida da pessoa começa a ficar toda errada, com contrariedade, adversidade, imprevistos, perdas, prejuízos, não se encontra solução. E a infestação, são forças negativas, contra a família, o lar, gerando conflitos familiares e sociais que visam a destruição e a ruína da pessoa. Nota-se que esses males, são gerados por outrem por motivos de inveja, ambição, maldade, vingança. É uma forma de dizer que o mal, simbolizado nas doenças, emerge do outro, do grupo externo, de quem deseja o mal. Gerado o ambiente de culpabilidade, as pessoas se movimentam procurando uma saída para seus problemas. Criam rituais, orações, remédios naturais. Converte o problema pessoal em social como estratégia para permanecer vivo, fundamentada na culpabilidade.

A superação pelos mestres espirituais

Em busca de respostas para seus males, muitos consultam os mestres espirituais, se valem dos santos ou entidades espirituais, das benzedeiras, rezadeiras, dos magos, iluminados no silêncio mágico da noite, das praias, dos centros, dos terreiros, das tendas. Fortificam a crença e a magia, avigora a esperança de dias melhores, pertencem a uma família espiritual e partem em busca de sentido.

Os mestres da alma dos devotos nordestinos são pessoas simples, mas de raro saber híbrido, herdado dos seus ancestrais indígenas, africanos e europeus. Guardado na vida e comunicado nos rituais, é um saber-fazer que presentifica a cultura, a tradição, as crenças, os símbolos, os ritos que mantém vivo o grupo social. Os mestres são elos de tradições remotas que sempre se renovam e de sabedoria antiga que se atualiza a toda necessidade moderna. Cada um deles possui tradições específicas e pratica rituais segundo a atribuição religiosa, cultural e social. Destacam-se:

1. Os pais e mães de santo, *sacerdotes* dos cultos afro-brasileiros, que são os responsáveis ou autoridades máximas de um terreiro ou tenda de Umbanda. Eles invocam as entidades africanas (Orixás) e guias espirituais com manifestações religiosas, alimentos consagrados, rituais de danças, transes e oferendas a entidades.

2. *Médios – Espíritas* são médicos-espirituais, orientadores do Karma. Elo de comunicação entre homens, que representa o mundo real e espíritos, o mundo imaginário. São mediadores entre o mundo em que vivem os espíritos e o mundo físico, assim estes se abrem para que o espírito se utilize deles e possam realizar suas curas espirituais.

3. *Rezadeiras*, curandeiras (os), benzedeiras, rezadores, pessoas que consagram grande parte de sua vida para unicamente ajudar os outros. São líderes possuidores de dons espirituais e curas que vivem na comunidade. Normalmente, as rezadeiras costumam rezar, orar, benzendo os pacientes com as mãos ou com plantas, em uma linguagem inspirada, uma espécie de cochicho ininteligível que mantêm com o sagrado, com Deus ou com as entidades. Seguem um método onde se combinam costumes indígenas e rezas católicas ou preces espíritas e, até, práticas evangélicas na cura, especialmente no tratamento de crianças.

A multiplicidade de tradições reflete os aspectos de proteção, agregação, família e sentido da vida. É o desejo de permanecer vivo que sustenta todas essas tentativas de superação com seus rituais e experimentos religiosos.

A superação pela garantia da proteção após a morte

Todas essas tentativas religiosas que visam à superação dos problemas do mundo real, refletem o universo do devoto sobre a morte. Para ele garantir a proteção de sua vida deve buscá-la também após a morte, ou como se costuma dizer: “chegar a minha hora”, “partir desta para uma melhor”, “morar o andar lá de cima”. A religiosidade parece não possuir nenhuma preocupação em investigar o sentido teórico da morte, para eles, fundamentalmente, uma passagem. As pessoas morrem ao terminarem aqui na terra a sua missão, ou seja, esgotar suas forças vitais. A alma, então, separa-se do corpo. Na religiosidade popular chamam de “alma penada”³ aqueles que já morreram, mas que sua alma tenta sem sucesso o contato e o diálogo com os vivos. Falta-lhes a consciência de que precisam partir para o mundo espiritual, desligar-se deste.

Diz Scottt William a este respeito:

Quando morre uma pessoa seu corpo é enterrado no cemitério onde, normalmente, com o tempo, a carne se desfaz ficando a ossada no túmulo. Para o sertanejo a morte não se dá

³ A alma penada simboliza o espírito de alguém errante que tenha morrido, mas que por algum motivo permanece neste mundo e se recusa a deixá-lo.

*por completo com a mera perda das funções vitais físicas, pois até que a carne seja consumida pela terra, ainda resta uma ligação entre o corpo e a alma do falecido. Durante esse período a alma fica vagando em volta do túmulo até completar o processo da carne degenerar e virar terra, quando, então, a alma passa completamente para o outro mundo. É importante enfatizar o termo completamente porque se crê que durante esse período, a alma também está no outro mundo.*⁴

A partir do princípio da colonização brasileira, muitas capelas e ermidas funcionaram também como cemitérios, com as sepulturas feitas dentro do local sagrado.

*... muitas famílias construíram ermidas e capelas e encarregavam-se mesmo da manutenção do culto, mas estatuíam como obrigação testamentária o jazigo perpétuo para a família dentro da capela. Ser sepultado no local de culto tinha um sentido particular de devoção, pois significava a proximidade do santo protetor, a fim de garantir sua proteção também após a morte. Evidentemente que numa sociedade oficialmente católica, isto constituía também motivo de orgulho para as pessoas de maior posse.*⁵

O cemitério é um lugar que abre caminho para o além-mundo, daí muitos temerem até passar perto dele. Lá, fazem seus ritos ao entrar e ao sair. Acreditam que é um espaço repleto de doenças físicas e espirituais⁶. Mas é o local digno para se enterrar seus mortos, não deixá-los abandonados como “almas penadas”.

A superação pela cruz:

A cruz aponta vários significados na religiosidade popular, um deles é o de indicar o lugar de sepulcro dos cristãos⁷. A ligação entre a cruz de sepultura e as almas penadas, é muito grande. Diz Euclides da Cunha, citado por Riolando Azzi:

O culto dos mortos é impressionador. Nos lugares remotos, longe dos povoados, inumamos à beira das estradas, para que não fiquem de todo em abandono, para que os rodeiem sempre as preces dos viandantes, para que nos ângulos da cruz deponham estes uma flor, um ramo, uma recordação fugaz mas renovada sempre. E o vaqueiro que segue arrebatadamente estaca prestes o cavalo, ante o humilde monumento – uma cruz sobre pedras arrumadas – e, a cabeça descoberta, passa vagaroso, rezando pela salvação de quem ele nunca viu talvez, um inimigo

⁴ HOEFLE, Scott William, “Visões do outro mundo e desencantamento ambiental e social no sertão nordestino”, in: *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, nº 2, jun.1996, p. 12.

⁵ AZZI, Riolando, *O catolicismo popular no Brasil*, 45.

⁶ *Ibidem*, p. 12-13.

⁷ *Ibidem*, p. 20.

Quando a morte ocorre por causa de briga, a alma da pessoa permanece ao redor no local em que foi morta, e para que ela não seja conduzida ao inferno pelo diabo, coloca-se uma cruz. O diabo foge da cruz. Algumas pessoas piedosas acendem velas ao redor da cruz, outras põem santos quebrados, pois estes depois da bênção e rituais já não são meras imagens, são santos que não podem ser jogados fora, mas colocados ao pé da cruz das estradas. Logo, aparecerá alguém dizendo que viu uma alma penada, ou ouviu algum gemido, isso significa que aquela alma está solicitando alguma reza ou vela⁸. A cruz, portanto reúne pessoas e famílias ao seu redor, possibilita o sentido de pertença a uma família, fortifica os laços culturais, religiosos e sociais e vivifica a esperança de dias melhores.

A superação por estratégias:

Muitas vezes o devoto é tratado como uma alma penada que vagueia pela cidade, não é notado por ninguém, não tem aparência, é excluído da sociedade, sem vida. Preso neste mundo real, ele busca desesperadamente sua razão de ser. Sem a presença calorosa do corpo humano, sem moradia, saúde, estudo, proteção, segue sem destino. É a vida sem vida que gera a morte, o stress, a violência, as drogas, desagregações e perdas. Mas o desejo de permanecer vivo e encarnado na sociedade provoca diversas estratégias culturais:

1. Cultura própria das crianças nas famílias de rua: reflete a ausência dos pais na formação e criação dos filhos. Marcados pela carência de cuidados, questionam o excesso de trabalho e pedem ajuda e atenção. É a família com procriação, mas sem mãe, sem tempo, sem educação, sem limites.

2. Cultura própria dos adolescentes nas Gangs: reflete a inserção social, onde o jovem resiste ao isolamento e a depressão. Inseridos num grupo social, questionam a ordem estabelecida e buscam o reconhecimento e a proteção na sociedade, como personagem importante, como herói.

3. Cultura própria dos jovens modernos: reflete nos arrastões ou no roubo grupal, a inclusão dos sonhos. É a presença participativa dos jovens no mundo do mercado, das marcas famosas, das propagandas, da moda. Assim, buscam compensar dificuldades econômicas e garantir brincadeiras e divertimentos, bebidas e drogas.

Em busca de si mesmo, do sentido da vida, de respostas ao *quem sou eu* num mundo desconhecido, o devoto tenta recuperar sua identidade e sua cultura numa realidade que não lhe cabe. Para lograr isso, recorre as crenças, aos experimentos religiosos, a orientação com especialistas da alma e participa de rituais. O devoto

⁸ Ibidem, p. 22.

sabe que o *mundo real* consagra o mal e propicia a morte, assim, para não morrer é necessário sair deste mundo real e entrar no mundo imaginário, na relação com os santos, espíritos, entes celestiais. Muitos vivem na sociedade como excluídos, sem ser notados, tratados como “alma penada”, presa e sem destino. Assim, para viver neste mundo hostil, usam diversas estratégias de superação, remetem ao santo, espíritos, não somente sua vida, mas também sua morte.

Somente no mundo imaginário, do santo protetor, dos espíritos, se consegue a chave de equilíbrio da vida e da morte. Esta é a chave que protege o corpo e dá sentido a alma inquieta. Portanto, o mundo imaginário, expressa segurança e proximidade. Representa, um protetor como deveriam ser os responsáveis pelas instituições sociais, políticas e econômicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOEFLE, Scott William, “Visões do outro mundo e desencantamento ambiental e social no sertão nordestino”, in: *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, nº 2, jun.1996, p. 12.

AZZI, Riolando. As romarias no Brasil, in: *Revista Vozes*, Petrópolis, 1979.

_____. *O Catolicismo popular no Brasil*. Vozes, Petropolis 1978.

OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. *Francisco o Santo vivo dos devotos*: Livro Técnico, Fortaleza, 2001.